

Pão Nosso...

Porto, 4 de Maio de 1910.

N.º 3

SUMMARIO:

- I — SOBRE O REGICIDIO
- II — A RAINHA-EXILADA
- III — O CONGRESSO REPUBLICANO

Sobre o regicídio

Amarguras passadas.—Da noite de 28, até 1 de fevereiro.—O povo em face do regicídio—O champanhe dos monarquicos.—Sentença dum juiz.—O culto dos regicidas.

Creemos saber, que foi depois da vinda de Diogo Ramires, e depois de varios e multiplos interrogatorios, que, como já se previa, se conseguiu lançar luz sobre o regicidio.

Consta-nos que o juiz d'instrução criminal está já hoje na posse de todo o trama, e que dentro em breve haverá acontecimentos sensacionaes.

(Dos jornaes monarchicos do Porto, do dia 1 do corrente, na secção telegrafica de Lisboa.)

A's golfadas, como as ondas duma dôr esquecida, que num momento revive, sinto marulhar em mim as recordações vivazes dessas horas d'atribulação, sinistras e tragicas, do estertor da ditadura franquista.

Na antemanhan de 28 de janeiro, avisava-nos o telegrafo de que uma comunicação official nos daria o relato das gazetas do governo, sobre os acontecimentos de Lisbôa na memoravel noite de 28. Quando as folhas de papel nos passaram pela vista, lembro-me dos olhos dos companheiros de banca, torvos de lagrimas e raiva.

Qual a dôse de verdade a espremer daquelle urdume de mentiras? Apenas a dolorosa certeza de que a conspiração fallhara.

Depois as prisões ás centenas, os homens d'ação do partido republicano no carcere, o renascimento da era de Teles Jordão e do conde de Basto. No plano que este fundo d'agonias enegrece, o vulto de perversão e repulsa de João Franco, alçando-se á grandeza dos tiranos sanguinarios, os lobos cervaes que a Historia guarda nas suas jaulas de ferro.

Saí da redação endireitando a casa. Geava. Do ceo estrelado coavam-se agulhas de frio. Levava na alma, frialdade de mais agudo regêlo.

Uma obsessão roía, devorava todo o meu pensamento. A meia-voz, inconsciente, sonambulo trilhando o lagedo da rua em passo descomposto, ruminava: — «Perdido!... Tudo perdido!...»

Estirei-me na cama, revolvi-me, chamei o sono, mas as palpebras imoveis recusavam fechar-se e o murmurio seguia ininterrupto: — «Tudo perdido!...»

*

* *

Nos dias seguintes, a sombra adensava-se ao de cima dos sucessos de 28. Pelas ruas, pelos centros politicos, pelos cafés, resavam-se em tom abafado confidencias, e tal os musgos que juncam as humidades sombrias, assim alastravam as versões con-

traditorias, de minuto em minuto laivadas a cores escuras, cerrando-se em negrume.

Crusavam-se olhares suspeitos. A desconfiança não se emboldriava em rebuços. Um enxurro de malsins transbordara do seu leito de miseria degradante, e pelas esquinas, ao quebrar os cotovelos das casas, orelhas que se immobilisavam na atenção, focinhos galerianos, farejavam prisões, infamias e vinganças.

Só a lingua peçonhenta dos delatores da imprensa alugada despedia injurias aos adversarios, rompendo a vesicula do fel. Tinha só voz — o rancor!

Forajidos que arribavam de Lisbôa, acresciam a confusão. Suas narrativas parcelares e descosidas, novêlos d'episodios emaranhados, a macissa e viscosa atmosfera de terror que a capital abafava, trasfegavam desesperança e desanimos.

Conheciam-se as disposições do decreto que o rei ia assinar em Vila Viçosa, esse decreto onde se encarnam os instintos de bruta e fera selvajaria do ditador.

Começava o exodo. Abria-se o periodo da emigração. A fatalidade dispersava os proscritos como um punhado de cinzas.

Das vilas e cidades fronteiriças acudiam informes dos fugitivos. Inquiria-se d'amigo para amigo sobre a sorte de tal ou tal pessoa. A resposta variava dentro dos afflitivos limites:— «Preso!... escondido!... em fuga!...»

Pela noite de 31 de janeiro a 1 de fevereiro, redobrava de furor e de numero a matilha de espiões. Correligionarios nossos traziam grudada ás canelas, uma parelha desses podengos lazarentos. Chegavam a invadir restaurantes, cosendo-se á porta dos gabinetes, enfiando o trombil pelas frestas da porta, todas as vezes que o creado entrava, como verificando não fôsse sumir-se por alçapão imaginario, aquella carne já destinada á cadeia ou a desterro.

Partidarios de João Franco, mas a quem os odios politicos não conseguiram assassinar no coração velhos afetos de provada amisade, afadigavam-se no avisar gente nossa, aconselhando instantemente:— «Fuja, fuja. Você vae ser preso. Sei-o perfeitamente. Fuja enquanto é tempo.»

Crescia a angustia. Não se vivem tão cedo outros momentos iguaes.

*

* *

Cêrca das 5 da tarde do dia 1 de fevereiro, um republicano escutava numa casa bancaria do Porto, a sêca noticia telefonica da morte do Rei e do Principe.

— Mortos ou feridos? — gaguejou elle.

— Mortos. Ambos no Arsenal.

Rolou como batega de graniso nos escritorios da *Voz Publica*, e o pasmo, o assombro, o estupor, colheu-nos como um violento terramoto. Vacilava-se nas pernas, e das janelas entre-viam-se as casas em rodopios de sarabanda.

Tiniram as campainhas dos telefones, e curta informação de Lisbôa, chegada num relampago de incertezas, varreu as duvidas. Era certo.

Logo, porém, as communicações foram suspensas, e só por volta das oito o governo civil enviava a nota official, e se ordenava a suspensão dos espetaculos publicos.

Desde as seis da tarde voou a noticia, de bôca a bôca levada, de loja para loja, de rua em bairro. E o espetaculo d'então, o abalo provocado, a reacção produzida, é que hoje queremos registar, visto que o regicidio surge com agravantes, neste instante de crise do regimen.

Desde as seis horas pois, os cafés, o centro da cidade, abarrotavam de povo. Começou o assalto ás redações. E ninguem se lamentava, ninguem se revestia de compunção, ninguem remexia nas palavras e nos pensamentos essa camada de sentimentalismo tão á flôr da alma na nossa raça, que nos arranca a proposito de qualquer morto, por malvado que em vida seja, a interjeição misericordiosa: — «Coitado!»

Não. Só se ouvia, com o desabafo de quem se arranca de baixo dum peso de cem arrobas, est'outra: — «Emfim!»

Pela noite dentro, dos bairros operarios, das ilhas esconsas, desciam golpes de populares. Vi-os subir, atulhando as escadas,

té ás salas das redações de varias gazetas. A anciedade unhavalhes as feições. Empurravam-se, premiam-se, com os rostos lividos, confrangidos, olhos em chama, ardendo na visão duma tragedia longinqua e grandiosa.

Estacados ao redor das mezas, ouviam a leitura que algum delles sempre solicitava, dos escassos telegramas, ainda humidos das falsidades franquistas. E ao remate, um arrastado ai de desafogo inchando as arcas dos peitos, arquejava: «Era tempo! Emfim!»

Ali se arrimavam sem querer despegar, com soltura de doestos e travos d'amargor para Franco, e para os regios mortos. Baixavam as escaleiras, e outra resaca de operarios as galgava, não contentes dos informes que os primeiros repetiam, mas teimando em ouvir elles proprios, em palpar a veracidade do acontecimento.

Corriam as horas e o scenario permanecia. Não escutei as carpideiras que agoram gotejam fios de lagrimas sobre as campas reaes, nem os escreventes á rasa que desataram a alcunhar D. Carlos de martir, quando só um epiteto lhe ficará na historia: — *O Justificado!*

Aoavez. Monarquicos que nos encontravam, com os apertos de mão enxundiosos de interesseira cordealidade, incitavamos: — «Então porque esperam? Não a querem fazer desta vez?»

No governo civil não compareceu nenhum dos magnates da monarchia reacionaria, naquella noite, para elles, de luto e perigo. Esteve deserto, deserto como a cõrte dum principe destronado.

Pelo contrario, nos restaurantes e cafés, monarchicos ás grósas destampavam garrafas de champanhe. Exalçavam a memoria dos regicidas, brindando pela morte dos monarcas. Se houve quem chorasse, foi provavelmente por ir como uma uva.

Nas tavernas e lojas de mercearia, aquelles que os fidalgões hoje queimados de devoção pelo santo-rei, denominam as *classes baixas*, imitaram as nobilissimas *classes altas*: beberam a frouxo.

Em certo bairro operario, o mais densamente povoado do Porto, cêrca das duas da madrugada, parecia a festa do S. João.

*

* *

Contaram os jornaes, com assento de nomes, aldeias onde o povo percorreu a localidade, riscando o ar de foguetes, estruindo fanfarras, e businando vivas.

Pelos dias subsequentes, os monarquicos davam-se mutuos emboras, e luto official, decretado nas laudas do *Diario do Governo*, não se descobria nem a microscopio, nem a telescopio, nem infinitamente pequeno, nem infinitamente grande.

Ahi vae um facto, carateristico e sobrio que, dentre centenas archivadas colho, para os manuaes escolares.

No estabelecimento comercial duns negociantes republicanos da rua dos Carmelitas, entrou um magistrado. Dirigiu se ao guarda-livros, amolgou-lhe as costelas num abraço sufocante, ao tempo que esta lhe despedia:

— «Parabens! Já está morto o bandido.»

E reincidiu no atracão.

Este magistrado era o juiz Antunes d'Azevedo, atual juiz d'instrucção criminal, por cujas mãos corre agora a descoberta de novos regicidas!

*

* *

Só os monarquicos fingem ignorar que na população portugêsa brotou, ingenuamente espontaneo, o culto pelos dois regicidas. É um facto, um facto que se archiva, um facto que elles podem comentar a seu bel talante.

Penetrem os casebres operarios, entrem as choupanas ru-raes, arrisquem-se pelas aldeias perdidas na provincia, e nas paredes despidas de cal e adornos, avistarão os retratos de Buissa e Costa. Já os encarei ao lado de nóminas devotas, entre as estampas de milagrosos oragos, com sua capela de rosas contrafeitas, as grinaldas de missanga e papel de còr, que no regresso da romaria enfeitam as copas dos chapêus esturdios, e os lenços de romagens garridas.

Numa serra da Beira encontrei um pegureiro de surrão de peles, embebido na lavragem de filetes d'estanho sobre uma flauta de tres buracos, enquanto as ovelhas tosavam a herbage rara e magra. Na meada da conversa, o pastor que só ás quinzenas descia ao povoado, vivendo noites e dias a sós com o rebanho, com o seu cão, e com as estrellas, elle mostrou-me, sacando do bolso interior, dois postaes com os retratos dos regicidas:

— Meu senhor: Reso por elles todas as noites. Tenho o meu irmão mais velho em Lisbôa. Deitou-se á vida do commercio, veio aqui á terra uma vez, vestido á fidalga, para me abraçar mais á velhota, e fazer nos o bem que podia. Lá o prenderam por môr da politica. Soubemos que ia p'r'ó degredo, se o não matassem na prisão. Estes homens livraram-no. Resolhes por alma todas as noites.

A Rainha-exilada

Tres figuras tragicas: — A imperatriz dum dia, a condessa de Teba, Isabel II. — D. Maria Pia de Saboia. — Uma epoca que finda no tribunal

No derradeiro quartel do seculo XIX, entrando ainda pelos annos primeiros do seculo que começa, tres figuras de mulheres que nas pregas dos vestidos agitavam os enfeites do antigo drama grego, de espaço a espaço atravessavam a luz crua da publicidade, como espectros evocados do Além, arrastando um sequito de dôres mortas, de pesadêlos sanguinarios, de crimes hediondos, ou de piedade extra-humana.

Qualquer nota das agências, laconica e desataviada de interesse, recordava-nos que ellas, vivas eram ainda. Na remembrance desses fantasmas, ao tempo que os olhares deletreavam as

informações da Havas, exclamava-se: — «Cuidei que já morrerá.»

Duas imperatrizes e uma rainha: — A viuva de Maximiliano d'Austria, a imperatriz Eugenia, e Isabel II d'Espanha.

Conhecem a historia da primeira, imperatriz efemera dum imperio impossivel, esposa lacrimosa dum imperador d'ocasião, que expiou, vitima mediocre e sem fulgor, uma temerosa e tenebrosa aventura.

Napoleão III, misto de chaçal e raposa, arrojou-se a imitar o tio, Napoleão I, que fôra leão e tigre. Quiz fazer imperadores, como o seu antepassado os desfizera.

Tinha além, na America, a Republica mexicana, onde se podia fender a fatia duma corôa. A intriga politica, tangida pelas operações dos argentarios, e por especulações financeiras colossalmente imundas, despejou sobre o Mexico os exercitos francezes.

Napoleão tomou o arquiduque d'Austria, que de Pio IX recebeu a benção, pois se tratava de estrangular uma republica, e de sufocar a independencia duma patria, e arremessou o pobre imperador de lotaria, para além do Atlantico.

Sabe-se o epilogo dessa loucura gigantesca. Maximiliano, sem a alma atroz e dura do aventureiro que Napoleão sonhara, acabou em Queretaro, fusilado pelas balas dos cidadãos ao mando de Juarez, enquanto o clamor grandioso de todos os mexicanos troava pelo mundo: «Viva a independencia! Viva a Republica!»

Sua viuva, enterrada num castelo perdido, êrmo de cortesãos e de familiares, sem rasto de alegria, bebeu o choro da saudade, e comeu o pão da amargura no amargo e longo durar da velhice, longe dos que a deviam amar e que a não amaram jámais, no lento agonisar que dilacera as mais solidas razões.

Morreu doida.

Seu irmão, modelar em desfaçatez e cinismo, o barbaquedo Leopoldo da Belgica, quando della lhe falavam, não perturbava a serenidade angusta da sua indiferença. E cobria as compaixões suscitadas com este real aforismo:

— «A raça dos Coburgos tem grandeza demasiada, para precisar de coração.»

Perdão! Não sei bem ao certo se ella já morreu, ou se os pavores da demencia ainda atenazam aquelle farrapo de sofrimento.

*

* *

A outra, a viuva de Napoleão viu realisar-se o sonho dos sonhos que uma noite na vida abraça de auroras o sono das formosas, e que ao arrebol ellas espancam como um delirio febril.

Fidalga de pouco, desbalisada de haveres, assenta-se no trono de França, e encontra na alcova do salteador, rufião de reis e cigano de dinastias, a corôa imperial.

Para argamassa do poderio, o sangue de milhares de francezes, Paris durante tres dias calcando lama vermelha de sangue, velhos e creanças varados no leito a baionetas, fusilamentos, metralha; outros milhares no exilio, milhares ainda nos pontões de Caiena e Lambessa, as liberdades assassinadas, o cadaver da Republica servindo de pedestal ao crime.

Vieram os dias de gloria e socego, porque a «usurpação amnistiara o direito, a traição amnistiara a honra.» A côrte devassamente brilhante, as festas, os triunfos, os incensos da Igreja, as venerações dos bispos, os conselhos do jesuita.

Té que teve a palavra o Inconsciente que rege a Historia. A imperatriz chamava á guerra de 1870, «a sua guerra.» Em Sédan, o destino tirou a desforra, ella fugida, Napoleão deposto, e a piramide de heroes, vitimas e martires, pagando com a vida os desatinos do despota.

Morreu-lhe o marido, e ella sobreviveu!

Do palacio do exilio viu Paris e a França aclamarem Vitor Hugo e Rochefort, o que lhe cravou a cabeça do esposo no pe-lourinho imortal das suas apostrofes, e o que a escarneceu.

Viu finarem-se os vencedores, um por um, Guilherme I, Bismarck, e Moltke.

E ella sobreviveu!

Viu as rugas morder-lhe a beleza, os cabelos branquearem, a França córar de vergonha ao recordar-se do tempo em que a tinha por imperatriz, e ella sobreviveu!

Quando passava, escoando-se na escuridão dos nomes burguezes, era como se passasse uma personagem de Shakespeare, suando crime e alucinações.

*

* *

A terceira, Isabel II, rainha expulsa do trono e varrida da sua terra por uma revolução triunfante, gastava a decrepitude, orgulhosa e esquecida, amortalhada no palacio de Castela, sito em Paris.

A cronica d'Isabel, preñhe d'anecdotas escandalosas ou perdularias, é a narração continuada dum extenso martirologio do paiz visinho. Guerras civis, revoltas, pronunciamentos, ingratiões, beaterio, ditaduras, deportações, os codigos e a constituição na bôca das espingardas, odios nas almas, crueldade na repressão, um verdadeiro açougue a um canto de sacristia.

A rainha esquecêra tudo. No palacio de Castela guardava-se a pragmatica rigorosa dos dias felizes. Mas nas antesalas, os grandes d'Espanha, primos da Virgem Maria, não pavoneavam suas arrogancias. Os officiaes palatinos quedavam-se por aquém dos Pirineus, raçoeiros do novo rei.

Enfiavam-se quadras vasiaas, salas nuas, calcando tapetes esgarçados, sorvendo pó e bolôr, tropeçando na penuria. Ao cabo daquelle rosario de salões altivamente pobres, uns restos de creadagem annunciavam o visitante, que a custo conquistara audiencia, e uma velhinha tropega, dobrada sobre si, a vista embaciada, sorria vagamente no inexpressivo sorriso das dançarinas e dos chefes d'estado.

Nada recordava do passado. Apegava-se ao bordão: — «Amo a Espanha, amo os espanhoes» — e mais não logravam arrancar-lhe.

Se por vezes aditava umas palavras vagas, ellas significavam que no seu reinado fôra instrumento de politicos que da sua ignorancia abusavam.

O visitante saía, cheirando a bafio, pesaroso d'aquellas ruínas, poisando cautelosamente os pés, não fosse a poeira escurentar-lhe os olhos, como o esquecimento de Izabel entenebrava o espirito.

*

* * *

De maior tormento e sofrer são os dias da rainha-exilada, D. Maria Pia. Os seus paços já nem merecem o nome de palacio da ilusão, mas sim uma ilusão de palacio. Ali a isolaram, padecendo exilio na propria terra em que foi rainha.

Esplendores, desperdícios, adulações, servilismos, tudo fugiu. Tratam-na na familia como bôca inutil, alfaia sem prestigio da realeza, que por testamento nada tem que deixar. Gastou, sim, á larga, como seu marido, como os filhos, como os seus ministros. Mas no seu reinado não se contam as carnificinas que deveriam encher de terrores as noites das rainhas atraz apontadas.

Não lhe batem á porta os espectros, mas os meirinhos do tribunal do commercio. Fez dividas. Desoito contos em trapos, dariam pão a muito faminto. Mas o neto é rico... não pagará. Quando muito os credores contentar-se-hão que as justiças os condenem nas custas, provavelmente por intentarem a ação com incompetencia do fóro.

Ponham o lance numa familia de burguêses remediados, ou trabalhadores á jorna. Iriam ao penhorista carregando os derradeiros moveis, hipotecar-se-ia o pardieiro, bater-se-ia á porta dum amigo a solicitar auxilio. Mas poupar-se-iam á ancian, as humilhações, e os diterios dos inimigos.

E' que os Braganças podem reeditar amoldando-o, o descarado aforismo de Leopoldo da Belgica:

«A dinastia tem grandeza demasiada, para precisar de co-ração!»

Ha no fundo de tal dinastia, e cachôam as provas na Historia, um egoismo atrozmente brutal.

Nós d'aqui aguardamos esses ricoiços d'avultados bens, os

titulares de heraldica vinicola, ou os fidalgos gerados no Brasil entre as sacas de café e as pomadas calicidas, que arrancaram á sua sordidez centenas de mil reis para festejar o reisinho, apressarem-se a solicitar do crédor quitação da divida contra o pagamento duns miseros contos.

As mocidades catolicas, os aprendises universitarios de sacristão, já vascolem as gavetas dos cofres associativos, e galopam em fila indiana como trotavam atraz do carro do rei-menino, a levar as mealhas para a obra caridosa. As ligas monarchicas, em lugar do voto de moções idiotas, votam subsidios. A generosidade escorre até ao sacrificio.

No volume de Antonio Patricio, *O Fim*, existe um remate de dorida grandeza. A rainha decaida que atravessa aquellas paginas, estende a mão transparente, exangue, marfim lavado pelos tempos e diz a um arremêlo de côrte que a cerca :

— Tenho fome!

O Congresso republicano

Resposta a um amigo da raia.
— Significação dos congressos annuaes.

Meu velho amigo :

Começaste a tua carta, que dias ha recebi, por um cabelho de ropia. Dizia :

« Sou da raia, escrevo grosso e falo torto. » Seguidamente bebias lume por teus negocios impedirem que ao congresso abicasses com desejos de çantares as cantigas que lá trazes dentro, ao que parece confeçoadas em polvora.

Sei que não usas ficar, nem o tempo assim te sobeja, com a copia do que escreves, e para que mais claras sejam as mi-

nhas respostas, resumo em curtas linhas a essencia das tuas pittorescas e anciosas frases.

« Estou farto de discursos, cansado de relatorios, saciado de frases com borbulhas de Revolução. Ponham fim ao periodo retoricisante. O que nós, laponios e serranos, queremos, é a Republica. Façam-na depressa. Se os congressos não servem para isso, tambem prescindimos de parlamentos annuaes funcionando tres dias, e acabando num banquete, com os entusiasmos cálidos dos brindes.

« Afinal, quando é o dia? Não queremos trautear até que o coveiro nos abra os sete palmos de rigor, o côro da opereta em que os sebastianistas grugulejavam :

Ha-de chegar um dia,
Um dia ha-de chegar.

« Dize lá, pergunta lá, intimo-te: — P'ra quando? »

Não é isto o que tu dizes? Bem parece que moras na raia, falas grosso, e torto escreves.

Meu velho: Não se podem sacar letras sobre a Revolução. Sobrevem o Destino e protesta-as. Depois de protestadas, o Ridoiculo executa-nos.

Não se marcam prazos para actos desses. Arrisca-se a gente a tombar em falso profetismo.

Deves saber, por exemplo, que um socialista francês, por nome Julio Guesde, nos prometeu para 1910, não uma simples transformação d'ordem politica, mas a grande, a tremenda revolução social.

E' como no conto:

— « E tu, minha irmã Anna, avistas alguém a chegar? »

— « Não. Apenas a verdura que verdeja, e o caminho que negreja. »

Os congressos não se reúnem como um conluio de conspiradores. São assembleias politicas, regulando assuntos d'ordem partidaria interna, derimindo problemas d'organisação, analisando o avance ou retrocesso do partido, e finalmente definindo orientações politicas ou decidindo questões de tactica.

Servem ainda para os corpos dirigentes se inspirarem nas correntes dominantes do partido, seguindo-as ou canalizando-as. Todos os congressos partidarios anuaes do mundo inteiro se moldam no mesmo padrão, que é esse.

Enfartam-te os discursos? Pois transforma primeiro a indole do peninsular:— um animal retorico. E demais, que querias tu que fossem os congressos, senão reuniões em que se fala? Lá no-lo ensina o Pedro Diniz:

A fala foi dada aos homens
Rei dos outros animaes.

Claramente que um partido pode realizar congressos de caráter diverso. Aquelles em que se estudam problemas d'ordem economica, financeira, moral, juridica, etc., etc., interessando a nação inteira.

Essas reuniões divergem na maneira de funcionar. Distribuem-se teses, nomeiam-se commissões d'estudo e relatores, sectiona-se o congresso em especialidades, etc., etc., um ritual sabido, e batido por esses mundos além.

Ora do congresso atual, vou resumir-te o espirito, e a orientação que elle imprimiu ao partido.

Uma só corrente dominou: a revolucionaria. Como tu farias se cá viesses, delegados apoz delegados, exprimiram os votos dos seus eleitores, clamando a urgencia d'actos decisivos.

Por votações unanimes o congresso manifestou a sua simpatia, e deu o seu apoio ás organizações secretas, na sua forma popular e espontanea, justificada pela tradição historica.

Definiu-se, como sanção aos relatorios dos deputados, que a attitude parlamentar seria intensamente obstrucionista, todas as vezes que a maioria tentasse esmagar os direitos parlamentares ou lesasse os interesses nacionaes.

E logo de começo arrancou-se pela raiz a intriga que os monarchicos pretendiam semear dentro das nossas fileiras. Desde que o deputado Afonso Costa forçou a monarchia a todas as vergonhas da infamissima questão Hinton, e com a apresentação das

cartas rasgou mais um dos occultos caneros do regime, a campanha dos periodicos clerico-governamentaes moveu-se nas insinuações de que uma parte do partido recusaria acompanhar o ousado republicano.

Pois bem. Nunca assisti, nunca vi manifestação mais imponente, mais insolentemente ardorosa, que a tributada pelo Congresso ao dr. Affonso Costa.

Queres tu saber, tu que nunca avistaste os orgãos do bispo de Beja, a ultima façanha duma dessas folhas que classificam de crime e *chantage*, o arrojo do deputado republicano? Pois lê-a com regalo á noitinha, quando na lareira o lume dos cavacos crepita alegremente, e a chaleira canta como as cantigas que lá trazes dentro.

O comendador que na realidade dirige o jornal sob o pseudonimo dum titular da velha estirpe, teve a ideia, sublimadamente velhaca, de prometer aos assinantes que com anno d'antecedencia remetessem os cobres, uma rifa de cincoenta contos, especie de corno d'abundancia, vertendo fortunas e riquezas no estomago dos devotos.

Cincoenta contos! cincoenta!—orneavam os normandos e fantasias do periodico, em colunas a prumo, de grossura tão avantajada, que o santo bispo de Beja perdia o scismar, a medir-lhes o tamanho.

Mas com cincoenta contos compravam-se pelo menos dez empresas como aquella. Aproveitando, claro é, nos adubos do nabal, toda a espiritualidade e talento dos redatores.

Acorriam os patos aos bandos, e os carneiros ás manadas. Cincoenta contos! O socêgo dos paes, e o divertimento das creanças!

Rebenta a data, a data da rifa, a data fatal do cumprimento, e os cincoenta contos estavam tanto nos cofres da administração, como a virgindade abrolha no intestino grosso do bemaventurado bispo de Beja.

Congregaram-se açodadamente os dinheirosos para correrem ao salvamento do naufragio. Todos depunham alvitres famosos, ninguem desdava o nó dos atilhos da bolça.

Um dos preopinantes lembrou que se distribuissem *cincoenta livros de contos... para creanças*, ao que outro luminar opoz que preferia, na hipotese, *cincoenta livros de contos... biografando a José do Telhado*.

Entrementes o conde, o mentor, a honra e virtude em pêlo e osso, descerrou os labios.

— Socios, amigos, e cristãos da mesma communhão! E' bôa a ideia, mas ha juizes malvados que, á apresentação duma queixa, nos ferrariam no môcho dos reos. Conservemo-nos á margem do codigo, sem lhe cairmos nas malhas.

Prometemos cincoenta contos. Daremos sessenta... mas nominativos. Andam ahi no mercado ações e obrigações de companhias e empresas, que se vendem a pêso. Valem menos que o papel d'embrulho, menos que umas calças minhas.

Com duas centenas de mil reis compram-se arrobas de tal genero. Não teem cotação, ninguem lhes pega, mas as pias fraudes acham-se justificadas nos casuistas. Tosquiámos as ovelhas, agora vendamos-lhes a samarra.

Relinchos de satisfação apoiaram a sabedoria do expediente: Houve rifa solene e *Te-Deum*. Aquelles a quem tocaram os premios, receberam valia de dez tostões efetivos, em titulos que no alto cascalhavam contos, contos e mais contos.

Um jornal republicano que tal praticasse, malhava por burla ou *escroquerie* na cadeia. Aquelle deve ter um chalet no reino dos ceos.

E agora, meu homem, limpa e brune com amor a tua espingarda, que as revoluções não se aprestam aos vivos.

